

## INFLAÇÃO

# Análise e projeções de inflação

## Sumário

Os dados mais recentes mostram que nos últimos meses o ambiente inflacionário brasileiro se tornou menos favorável, combinando aceleração dos índices de preços e retomada das medidas de núcleo de inflação. Além de um desempenho mais forte da economia – e seus impactos sobre o aumento da massa salarial –, a desvalorização cambial de aproximadamente 7%, entre agosto e novembro, e a forte alta dos alimentos, sobretudo das proteínas animais, explicam boa parte desta alta de preços. Desta forma, a inflação brasileira, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), acumulou alta de 4,9% em doze meses, refletindo os reajustes de 8,4% dos alimentos no domicílio, 5,2% dos bens e serviços administrados e 4,7% dos serviços livres.

No caso dos administrados, nota-se que, tendo em vista que parte da alta está relacionada aos efeitos da seca sobre o nível dos reservatórios, os sinais de desaceleração deste conjunto de preços, já observados em novembro, devem se intensificar em dezembro, com a adoção da bandeira verde. No entanto, diante da forte aceleração dos preços agrícolas no atacado, não há, no curto prazo, espaço para um recuo mais significativo da inflação de alimentos, cuja alta deve continuar pressionando o IPCA nos próximos meses. De modo similar, dadas as condições mais apertadas do mercado de trabalho, o aumento dos salários reais vem mantendo não apenas a pressão sobre os custos de mão de obra, mas também a continuidade da expansão do consumo das famílias, impedindo, por conseguinte, uma desaceleração da inflação de serviços.

Dentro desse contexto, em que pese a estimativa de um desempenho menos robusto do nível de atividade para 2025, conjugada com a expectativa de uma melhora no comportamento do câmbio e com o aumento de aproximadamente 6,0% da safra brasileira de grãos, o atual cenário de inflação mais adverso sinaliza que o processo desinflacionário da economia brasileira será mais lento que o projetado anteriormente. Por certo, embora as projeções de inflação feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea indiquem uma desaceleração tanto do IPCA quanto do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) em 2025 diante do estimado para 2024, estas altas projetadas não apenas se encontram acima das previstas no último trimestre, mas também indicam uma resiliência maior da inflação brasileira.

No caso do IPCA, a alta estimada, para 2024, avançou de 4,4% para 4,8%, enquanto para o INPC a taxa passou de 4,2% para 4,7%. Em ambos os casos, o aumento da projeção é decorrente de uma previsão maior para a inflação de alimentos, cujas taxas de 5,6% e 5,8%, previstas para o IPCA e o INPC, no trimestre anterior, foram majoradas para 8,4% e 8,3%, respectivamente. Para 2025, as estimativas atuais do

**Maria Andréia Parente Lameiras**

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

[maria-andreia.lameira@ipea.gov.br](mailto:maria-andreia.lameira@ipea.gov.br)

**Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira**

Assistente de pesquisa na Dimac/Ipea

[tarsylla.oliveira@ipea.gov.br](mailto:tarsylla.oliveira@ipea.gov.br)

Divulgado em 27 de dezembro de 2024.

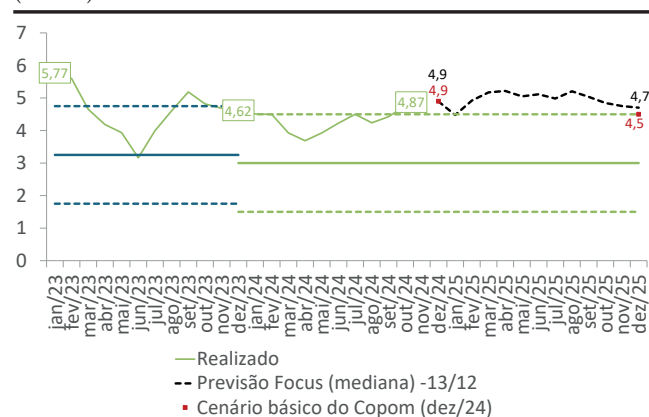
Ipea para o IPCA apontam uma alta de 4,4%, ante 3,9% estimada em setembro, refletindo uma inflação de 5,6% para os alimentos no domicílio, 2,7% para os bens industriais, 5,1% para os serviços livres e 4,1% para os preços administrados. Já para o INPC, a variação estimada é de 4,2%, impactada pelas altas de 5,4% dos alimentos, 2,5% dos bens industriais, 4,9% dos serviços livres e 4,2% dos preços administrados.

Deve-se pontuar, no entanto, que não se descarta a ocorrência de fatores que podem impactar positiva ou negativamente estas trajetórias de inflação estimadas. De um lado, a probabilidade de uma piora no cenário inflacionário está associada não apenas ao acirramento dos conflitos no Oriente Médio e a seus efeitos altistas sobre as cotações do petróleo no mercado externo, mas também a novas desvalorizações cambiais originadas tanto da piora do ambiente doméstico quanto da adoção de uma monetária mais restritiva nos Estados Unidos. De outro lado, um aumento ainda mais forte da produção de grãos, associado a uma melhora no comportamento das carnes, traria um alívio adicional à inflação de alimentos. De modo similar, a melhora no nível de confiança dos agentes econômicos na condução das políticas monetária e fiscal pode gerar efeitos positivos sobre o câmbio, impactando favoravelmente a inflação corrente, assim como a ancoragem das expectativas inflacionárias para os próximos anos.

## 1 Inflação: aspectos gerais e projeções

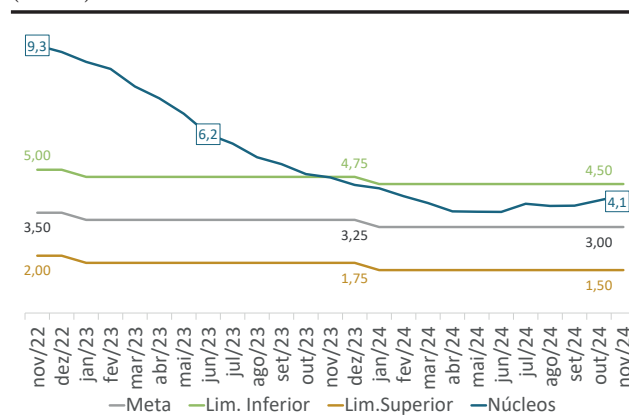
Ao longo do último trimestre, o ambiente inflacionário voltou a se deteriorar, tendo em vista uma aceleração dos índices de preços, conjugada com uma elevação das medidas de núcleo. Em novembro, de acordo com o IPCA, a inflação brasileira acumulou alta de 4,9% em doze meses, repercutindo os impactos da seca sobre o nível dos reservatórios, da desvalorização cambial e da forte alta dos alimentos, sobretudo das proteínas animais, além dos efeitos do aquecimento do mercado de trabalho sobre a inflação dos serviços livres. Por conseguinte, a conjuntura atual revela que este processo de desinflação tende a ser mais lento que o projetado anteriormente, contribuindo, desta forma, para uma desancoragem maior das expectativas de inflação. Por certo, tanto as expectativas de mercado – retratadas no relatório Focus do Banco Central do Brasil (BCB) – quanto o cenário base definido pelo Comitê de Política Monetária (Copom), em dezembro, sinalizam que, embora em leve desaceleração, a inflação deve se manter em patamar pouco confortável, bem acima do centro da meta (gráfico 1). Este cenário inflacionário mais adverso é corroborado pelas medidas de núcleo da inflação, que mostraram nova aceleração no último trimestre, atingindo níveis acima dos desejáveis, tendo em vista o processo de desinflação desejável (gráfico 2).

GRÁFICO 1  
**IPCA: taxa de variação acumulada em doze meses e metas de inflação**  
 (Em %)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e BCB.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2  
**IPCA: média de núcleos acumulada em doze meses**  
 (Em %)

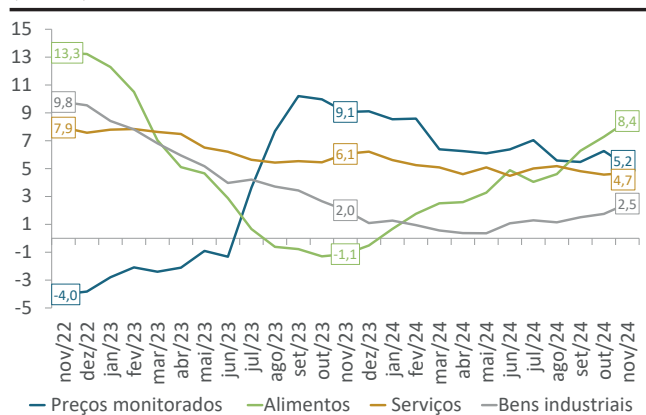


Fonte: BCB.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A abertura do IPCA por categorias mostra a variação de 4,9% acumulada em doze meses, com a alta de 5,2% dos preços administrados, 8,4% dos alimentos, 4,7% dos serviços e 2,5% dos bens industriais (gráfico 3). No caso dos preços administrados, esta retomada nos últimos meses, decorrente da implementação da bandeira tarifária vermelha nível 1 e 2 em setembro e outubro, será revertida em novembro e dezembro com a adoção das bandeiras amarela e verde, respectivamente. Em relação aos preços dos bens industriais e dos alimentos, além da desvalorização cambial ocorrida, o efeito das secas, especialmente sobre os pastos, e a manutenção de uma demanda aquecida contribuíram para a aceleração da inflação destes segmentos no último trimestre. Por fim, deve-se registrar que, embora aponte leve desaceleração, esta recente melhora da inflação dos serviços livres reflete o recuo dos preços das passagens aéreas, com comportamento altamente volátil nos últimos meses. Para os demais itens que compõem este grupo, o que se observa é uma inflação mais resiliente à queda, sustentada, de um lado, por uma demanda aquecida e, de outro, pelo aumento dos custos relativos à mão de obra, ambos provenientes de um mercado de trabalho mais dinâmico.

Assim como esperado, a alta dos preços no varejo reflete uma aceleração dos preços no atacado (gráfico 4), que, por sua vez, é resultante do aumento dos custos de matérias-primas, refletindo a aceleração das cotações das *commodities* no mercado internacional, além da forte desvalorização cambial (gráfico 5). No acumulado do ano, as *commodities* metálicas registram alta de 17,5%, enquanto as agrícolas apontam variação de 10,1%. Já a desvalorização cambial observada entre janeiro e novembro é de aproximadamente 25%.

**GRÁFICO 3**  
**IPCA por categorias: taxa de variação acumulada em doze meses**  
 (Em %)

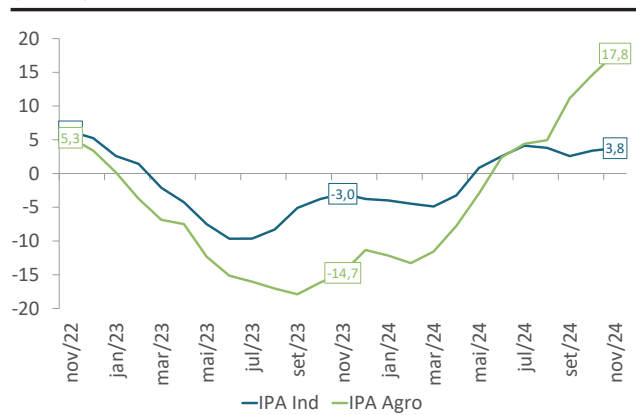


Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A partir desse contexto menos benigno, as perspectivas inflacionárias para o ano foram revistas para cima, refletindo, em grande parte, a piora no comportamento da inflação de alimentos. A previsão do Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea para o IPCA, em 2024, avançou de 4,4% para 4,8% (tabela 1). Já para o INPC, a alta projetada passou de 4,2% para 4,7% (tabela 2).

Dessa forma, diante das evidências de que o processo de desinflação da economia brasileira será mais longo que o esperado, tendo em vista que parte das pressões inflacionárias não se dissipará no curto prazo, as projeções de inflação do Ipea para o IPCA e o INPC ainda apontam uma taxa acima da desejada *vis-à-vis* as metas estabelecidas. No caso do IPCA, a previsão é de alta de 4,4%, enquanto para o INPC a taxa esperada é de 4,2% em 2025 (tabela 3). Em linhas gerais, as previsões apontam que a inflação de alimentos e a dos preços administrados devem ceder ao longo do próximo ano, beneficiadas por uma melhora na taxa de câmbio, além das estimativas de aumento da safra brasileira e de queda nos preços internacionais do petróleo. Já para os bens industriais e os

**GRÁFICO 4**  
**Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA): taxa de variação acumulada em doze meses**  
 (Em %)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV).  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

serviços livres, as projeções indicam uma inflação em 2025 muito similar a observada em 2024, refletindo, em ambos os casos, o aumento nos custos de produção, aliado a um mercado de trabalho apertado e à manutenção da demanda em patamar elevado.

Por fim, deve-se pontuar que há um balanço de riscos que podem impactar positiva ou negativamente essas trajetórias de inflação estimadas. De um lado, a probabilidade de uma piora no cenário inflacionário está associada não apenas ao acirramento dos conflitos no Oriente Médio e a seus efeitos altistas sobre as cotações do petróleo no mercado externo, mas também a novas desvalorizações cambiais originadas tanto da piora do ambiente doméstico quanto da adoção de uma monetária mais restritiva nos Estados Unidos. De outro lado, um aumento ainda mais forte da produção de grãos, associado a uma melhora no comportamento das carnes, traria um alívio adicional à inflação de alimentos. De modo similar, a melhora no nível de confiança dos agentes econômicos na condução das políticas monetária e fiscal pode gerar efeitos positivos sobre o câmbio, impactando favoravelmente a inflação corrente, assim como a ancoragem das expectativas inflacionárias para os próximos anos.

TABELA 1  
**IPCA: projeção para 2024**  
 (Em % e p.p.)

	Peso	Projeção anterior - Setembro/24		Projeção atual - Dezembro/24	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2024	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2024
Alimentos no domicílio	16,0	5,6%	0,9	8,4%	1,3
Bens industriais	23,5	2,4%	0,6	2,5%	0,6
Serviços - totais	34,6	5,0%	1,7	4,8%	1,7
Serviços - exceto educação	29,7	4,7%	1,4	4,5%	1,3
Educação	5,0	6,9%	0,3	6,9%	0,3
Administrados	25,9	4,7%	1,2	4,7%	1,2
IPCA	100,0	4,4%		4,8%	

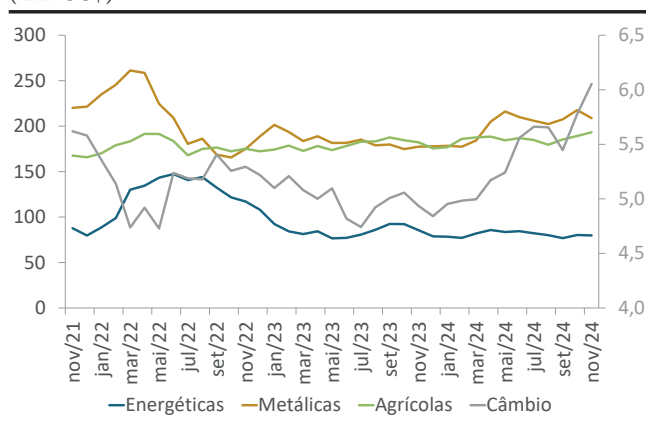
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Obs.: p.p. – pontos percentuais.

TABELA 2  
**INPC: projeção para 2024**  
 (Em % e p.p.)

	Peso	Projeção anterior - Setembro/24		Projeção atual - Dezembro/24	
		Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2024	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2024
Alimentos no domicílio	19,5	5,8%	1,1	8,3%	1,6
Bens industriais	26,7	2,2%	0,6	2,3%	0,6
Serviços - totais	28,5	4,7%	1,3	4,7%	1,3
Serviços - exceto educação	25,0	4,4%	1,1	4,4%	1,1
Educação	3,5	6,8%	0,2	6,9%	0,2
Administrados	25,3	4,5%	1,1	4,5%	1,1
INPC	100,0	4,2%		4,7%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5  
**Índice de commodities e taxa de câmbio**  
 (Em US\$)



Fonte: BCB.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Obs.: Dez./2005=100 e taxa de câmbio R\$/US\$.

TABELA 3  
**IPCA e INPC: projeção para 2025**  
 (Em % e p.p.)

	Projeção IPCA -2025			Projeção INPC -2025		
	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o IPCA 2025	Peso	Previsão da taxa de variação	Contribuição para o INPC 2025
Alimentos no domicílio	15,5	5,6%	0,9	19,5	5,4%	1,1
Bens Livres - exceto alimentos	23,1	2,7%	0,6	26,7	2,5%	0,7
Serviços - totais	35,4	5,1%	1,8	28,5	4,9%	1,4
Serviços - exceto educação	30,9	4,7%	1,5	25,0	4,5%	1,1
Educação	4,5	7,9%	0,4	3,5	7,6%	0,3
Administrados	26,0	4,1%	1,1	25,3	4,2%	1,1
Índice cheio	100,0	4,4%		100,0	4,2%	

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Inflação de alimentos

Os dados mais recentes mostram que, após as deflações observadas em julho e agosto, a inflação dos alimentos no domicílio acelerou fortemente nos dois últimos meses, de modo que a inflação acumulada no ano, até novembro, registra taxa de 7,0%, mantendo-se bem acima do observado neste mesmo período do ano passado (tabela 4). Os dados desagregados mostram que grande parte da alta registrada se deve ao aumento significativo das proteínas animais e do café (gráfico 6).

Dentro desse contexto, diante da piora no comportamento dos preços dos alimentos nos últimos meses, as projeções para a inflação deste grupo, feitas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea, em 2024, foram revistas para cima. No caso do IPCA, a alta projetada para os alimentos no domicílio, em 2024, avançou de 5,6% para 8,4%, ao passo que a estimada no INPC passou de 5,8% para 8,3%. Para 2025, estima-se uma melhora no desempenho dos alimentos, beneficiada por um câmbio mais favorável e por uma expansão da safra, de forma que as taxas de inflação projetadas para o IPCA e o INPC são de 5,6% e 5,4%, respectivamente.

TABELA 4  
**IPCA: alimentos no domicílio por segmentos**  
 (Variação acumulada no ano, em %)

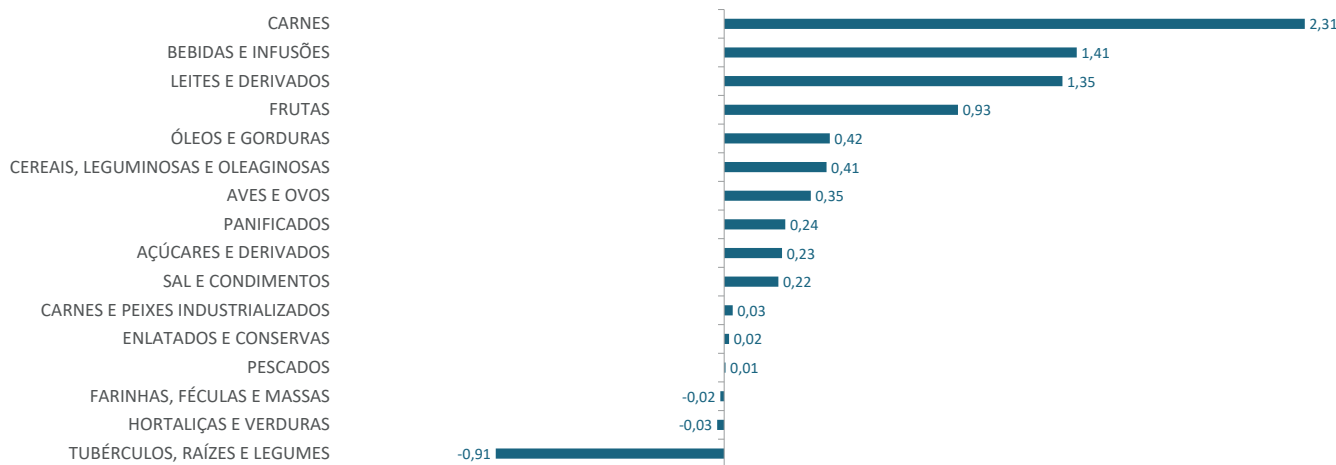
	Jan.-Nov./23	Jan.-Nov./24
Alimentação no domicílio	-1,83	6,97
Cereais, leguminosas e oleaginosas	8,49	6,28
Farinhas, féculas e massas	0,27	-0,50
Tubérculos, raízes e legumes	-11,24	-15,05
Açúcares e derivados	6,69	4,67
Hortaliças e verduras	21,31	-1,68
Frutas	4,80	11,57
Carnes	-9,87	14,80
Pescados	2,60	0,30
Carnes e peixes industrializados	-2,48	0,81
Aves e ovos	-7,58	4,19
Leite e derivados	-2,26	11,09
Panificados	2,89	2,19
Óleos e gorduras	-16,41	15,39
Bebidas e infusões	2,20	12,48
Enlatados e conservas	3,28	1,75
Sal e condimentos	5,21	8,17

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

**Alimentos no domicílio: contribuições à inflação acumulada no ano**  
(Em p.p.)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

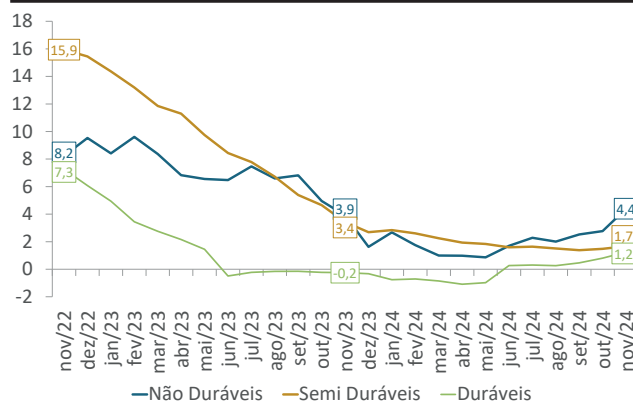
### 3 Inflação de bens e serviços

Após registrar uma inflação acumulada em doze meses de 1,1%, em agosto, os bens industriais iniciaram uma trajetória de aceleração, de modo que, em novembro, esta taxa chegou a 2,5%. Por certo, a alta dos produtos industriais no atacado, impactada especialmente pela desvalorização cambial de aproximadamente 7% no último trimestre, começa a ser repassada ao varejo com mais intensidade nos últimos meses, possibilitada, sobretudo, pela expansão da massa salarial. Na desagregação entre as três principais categorias de uso, observa-se que a retomada da inflação dos bens industriais deve-se à recuperação mais forte dos preços dos bens de consumo não duráveis, cuja taxa acumulada em doze meses avançou de 2,0%, em agosto, para 4,4% em novembro (gráfico 7). Ainda que em menor intensidade, a inflação em doze meses dos bens de consumo duráveis também registra alta, com taxas que saltaram de 0,3% para 1,2%, no período considerado.

Nota-se que grande parte da aceleração dos preços dos bens de consumo duráveis deve-se à alta mais forte dos preços dos eletroeletrônicos em 2024, tendo em vista que, embora no acumulado do ano este subgrupo ainda registre queda de 0,8%, esta é bem inferior à deflação de 3,9% registrada no mesmo período de 2023 (tabela 5). No caso dos bens de consumo semiduráveis, os dados desagregados mostram que os principais itens que compõem este segmento apresentam taxas de inflação em 2024 abaixo das registradas no ano anterior. Já em relação aos preços dos bens de consumo não duráveis, nota-se que as altas mais acentuadas do etanol e do cigarro, em 2024, anularam o alívio inflacionário vindo da melhora no comportamento dos produtos de limpeza.

GRÁFICO 7

**IPCA: bens de consumo industriais – variação acumulada em doze meses**  
(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

**IPCA: bens de consumo industriais por segmentos**

(Variação acumulada no ano, em %)

	Jan.-Nov./23	Jan.-Nov./24
<b>Bens de consumo duráveis</b>	<b>-0,6</b>	<b>1,0</b>
Mobiliário	3,2	2,8
Eletroeletrônicos	-3,9	-0,8
Automóveis	2,6	2,8
Motocicleta	4,2	2,9
<b>Bens de consumo semiduráveis</b>	<b>2,2</b>	<b>1,0</b>
Utensílios e enfeites	-1,5	-1,5
Cama, mesa e banho	-0,7	-1,2
Vestuário	2,2	1,6
<b>Bens de consumo não duráveis</b>	<b>2,8</b>	<b>4,4</b>
Artigos de limpeza	1,3	-1,5
Artigos de higiene	3,1	3,9
Etanol	-7,1	15,4
Cigarro	0,2	20,5

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

No caso dos serviços livres, os dados mostram que a desaceleração da inflação deste segmento nos últimos meses deve-se, especialmente, à queda dos preços das passagens aéreas, aliviando o segmento de transportes (tabela 6). Por certo, em consonância com um crescimento da atividade econômica mais intenso e diante de um mercado de trabalho mais dinâmico, a análise do comportamento da inflação subjacente, que exclui do conjunto total de serviços aqueles itens com maior volatilidade (passagem aérea, hotel, excursão, empregada doméstica, mão de obra residencial, cursos, internet e TV a cabo), mostra uma alta mais acentuada dos serviços no período recente (gráfico 8).

TABELA 6

**IPCA: inflação de serviços livres desagregada**

(Em % e p.p.)

	Jan.-Nov./23	Jan.-Nov./24
<b>Serviços totais</b>	<b>5,6</b>	<b>4,1</b>
Serviços de Alimentação	4,8	5,0
Serviços Residenciais	4,4	4,3
Serviços de Transportes	7,6	-2,9
Serviços Médicos	5,4	6,6
Serviços pessoais e de recreação	4,9	4,3
Serviços de Educação	8,0	6,7
Serviços de Comunicação	5,4	4,2

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

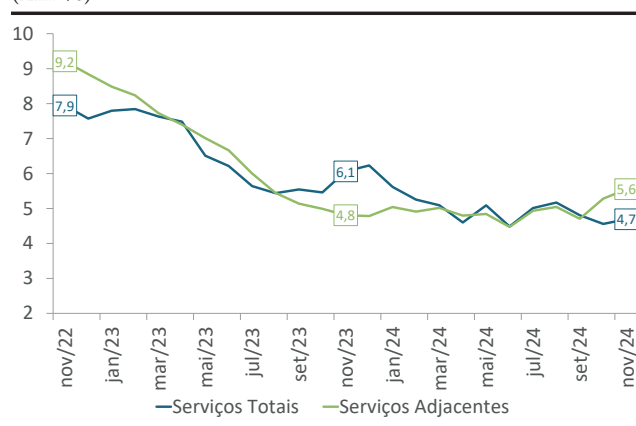
De maneira geral, os dados mais recentes indicam que, à exceção do comportamento das tarifas aéreas, as trajetórias projetadas para o ano, tanto para os bens industriais quanto para os serviços livres, encontram-se dentro do esperado. Sendo assim, as projeções de inflação do Grupo de Conjuntura do Ipea para os bens industriais mantiveram-se praticamente inalteradas em 2,5%, para o IPCA, e 2,3%, para o INPC. Em relação aos serviços livres, as previsões recuaram levemente de 5,0% para 4,8%, no IPCA, e se mantiveram em 4,7%, no INPC. Para

2025, a expectativa é que a inflação dos bens industriais e serviços livres apresente comportamento muito próximo do observado em 2024, de modo que as taxas projetadas pelo Grupo de Conjuntura do Ipea são de 2,7% e 5,1%, respectivamente, no IPCA e de 2,5% e 4,9% no INPC. Por certo, mesmo diante de uma melhora prevista da taxa de câmbio, a manutenção de uma demanda aquecida deve reduzir o espaço para a queda da inflação dos bens. De modo semelhante, a perspectiva de que o cenário do mercado de trabalho para 2025 deve continuar conjugando baixo desemprego e salário em elevação, ainda que a taxas menos expressivas que as registradas em 2024, implica não apenas sustentabilidade da demanda, mas também pressão sobre os custos de mão de obra, limitando, por conseguinte, a desaceleração dos serviços.

#### 4 Inflação de preços monitorados

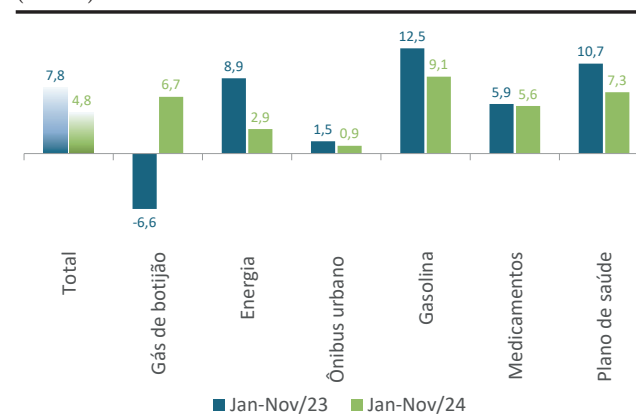
Em que pese a variação mais forte dos preços da energia, em setembro e outubro, em virtude da adoção das bandeiras vermelhas nível 1 e 2, esta alta já foi dissipada, em parte, em novembro, com a bandeira amarela, e será totalmente revertida em dezembro, com a bandeira verde, consolidando um cenário melhor em 2024, ante o registrado em 2023. Assim como ocorrido com a energia, a expectativa de que grande parte dos itens que compõem este grupo apresentaria uma trajetória inflacionária mais benevolente em 2024 (gráfico 9) foi se consolidando mês a mês, de modo que as altas projetadas para os preços administrados foram mantidas em 4,7% e 4,5% para o IPCA e o INPC, nesta ordem. Para 2025, as previsões apontam um comportamento ainda mais favorável dos preços administrados, cujas taxas projetadas são de 4,4%, no IPCA, e de 4,2%, no INPC.

GRÁFICO 8  
**IPCA: inflação de serviços livres acumulada em doze meses**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 9  
**IPCA: inflação de preços monitorados – variação acumulada no ano**  
 (Em %)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)  
Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Claudio Hamilton Matos dos Santos (Editor)  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora y Araujo  
Sandro Sacchet de Carvalho  
Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Debora Mesquita Pimentel  
Felipe dos Santos Martins

**Equipe de Assistentes:**

Beatriz de Luna Barreto  
Marcelo Guedes Pecly  
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Equipe Administrativa:**

Amanda Fernandes Tatagiba  
Aline Conceição Santos  
Rosanne Rodrigues Barbosa

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges  
Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---